



A SUBVERSÃO DA PRIMOGENITURA NO ANTIGO TESTAMENTO COMO FATOR DESAGREGADOR ENTRE O JAVISMO E A CULTURA HEBREIA.

Mestrando Reginaldo Pereira de Moraes¹

RESUMO

Este artigo analisa a independência que o Javismo possui sobre a cultura hebreia, mesmo que numa primeira olhada, seja percebida uma intrínseca relação entre o culto a Yahweh e os costumes dos judeus, a ponto destes terem uma identidade bastante peculiar, a partir de sua religião. Esta análise se faz necessária porque pesquisas recentes defendem um Javismo, em especial o monoteísta, como uma religião moldada a partir de interesses dos grupos que detinham o poder. Para isso, serão ponderados alguns teólogos modernos (para mencionar os novos pensamentos), os clássicos (para vislumbrar as definições e importância do primogênito na cultura do Antigo Testamento) e, ainda, alguns textos bíblicos que possam subsidiar esta pesquisa. Através disso, pode-se observar que embora haja uma forte ligação ideológica/religiosa, Yahweh, o Deus Criador é um ser Revelado e não meramente forjado por interesses adversos. Não somente isso, mas é um Deus pessoal, que se faz presente no cotidiano do povo, todavia, sem estar preso ou limitado à cultura deste. Portanto, assim como a valorização do primogênito e toda a cultura à sua volta pode ser vista como um aspecto religioso que induz a uma identidade, a subversão da primogenitura pode ser uma declaração bem evidente de que o Javismo não está limitado ou preso à cultura dos hebreus.

Palavras chaves: Deus Revelado, Preeminência da primogenitura, Primogênito.

ABSTRACT

This paper analyzes the independence that Yahwism has on the Hebrew culture, even though at first glance, it is realized a close relationship between the worship of Yahweh and behavior of the Jews, to the point of having a very unique identity, from their religion. This analysis is necessary because recent studies defend a Yahwism, especially the monotheistic, as a religion shaped from interest of groups in power. For that, it is considered some modern theologians (to mention the new thoughts), classics (for viewing the definitions and importance of the firstborn in the culture of the Old Testament), and also some biblical texts that can support this research. Through this, it is observed that although there is a strong link ideological/religious, Yahweh, the Creator God is a revealed being and not merely shaped by adverse interests. Not only that, but it is a personal God who is present in daily of people, however, without being bound or limited to their culture. Therefore, as the appreciation of the firstborn and the whole culture around it can be seen as a religious aspect that leads to an identity, the subversion of primogeniture can be a very clear statement that the Yahwism is not limited or tied to the culture of the Hebrews.

Keywords: Revealed God, Preminence of primogeniture, Firstborn.

Embora Yahweh sempre tivesse um relacionamento bastante próximo com Israel, considerado na Bíblia como seu povo, há opiniões contrárias a esta formulação, que tentam

¹ Bolsista CAPES. Mestrando em Teologia, na área de Bíblia (com especialidade em Antigo Testamento) pelas Faculdades EST (Escola Superior de Teologia), São Leopoldo – RS, membro do grupo de pesquisa Arqueologia e Religião. reginaldopmoraes@gmail.com

defender um Javismo moldado aos costumes e interesses de um povo, ou pior, de seus líderes a fim de manter o poder.

Por exemplo, segundo Reimer,

a divindade YHWH, que se tornou principal e única no final de um longo processo, foi um elemento religioso trazido de fora para dentro do contexto cananeu. Em Canaã, o Deus El provavelmente ocupava a primazia no panteão divino bem como a religiosidade popular. Por motivos diversos, este YHWH do deserto passou por processos de sincretização com o Deus El.²

Semelhantemente, Lang corrobora com esta ideia e enfatiza que a religião monoteísta de Israel seria a conclusão tardia de um processo histórico, a partir das formas plurais politeístas, do início.³

Reimer ainda defende que o monoteísmo hebraico serve como expressão identitária dos hebreus e ainda, é encarado como um sistema religioso, historicamente construído entre os séculos IX e V a.C., sob um viés cultural-religioso. Em outras palavras, as várias reformas mencionadas nos textos Sagrados teriam construído “o ideário de uma espécie de ‘monoteísmo nacional’ em sua versão oficial”, tendo seu amadurecimento entre os séculos VI e V a.C.⁴

Embora não se possa aceitar plenamente tal teoria, em especial sobre o sincretismo, concorda-se que os hebreus tinham na sua teologia monoteísta (ou monolátrica, como preferem outros autores)⁵ um fortíssimo fator de identidade. Algo tão forte que permeava e direcionava seus usos e costumes.

Gottwald também está de acordo com esta ideia, quando diz que “o mono-Javismo era a função do igualitarismo sócio-político”, conquanto defenda que seu surgimento tenha ocorrido no período pré-monárquico.⁶

Ademais, diferentemente da ideia de um sincretismo, acredita-se que realmente Yahweh seja o Deus criador e que foi se revelando aos poucos e esteve muito presente na vida e cotidiano do povo⁷, sem se deixar, é claro, levar pelos costumes destes. Um exemplo claro disso está registrado no livro de Jeremias (31.27-34) quando a filosofia cultural do povo

² REIMER, Haroldo. **Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico**. São Leopoldo: Oikos, Goiânia: UCG, 2009. p. 106s.

³ LANG, 1981 apud REIMER, 2009, p.106.

⁴ REIMER, 2009, p. 58s.

⁵ Para maiores detalhes a este respeito consultar SCHMIDT, Werner H. **A Fé no Antigo Testamento**. Tradução de Vilmar Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 118-138. Em especial as páginas iniciais onde ele faz uma diferenciação importante entre Henoteísmo (adoração do deus mais poderoso), Monolatria (adoração a um único Deus, sem que os outros sejam negados) e Monoteísmo (crença da existência de um único Deus).

⁶ GOTTWALD, Norman K. **The Tribes of Jahweh: A sociology of the religion of liberated Israel 125-1050 B.C.E.** New York: Orbis Books, 1979. p. 611.

⁷ ROWLEY, Harold Henry. **A fé em Israel**. Tradução de Alexandre Macintyre. São Paulo: Teológica, 2003. p. 32-34.



defendia uma teologia muito conveniente da coletividade e o profeta vai dizer que Yahweh está atento a cada indivíduo.

Desta feita, antes de se mostrar o fator desagregador de identidade perpetrado na subversão ao direito de primogenitura, se faz necessário: 1) Comprovar a existência de uma cultura que valorizava o primogênito, 2) Mostrar como ela colaborava com o ideário do povo hebreu e, ainda, 3) Evidenciar a sublevação e suas causas. Aí sim, será possível falar em desagregação cultural a partir da soberania de Yahweh, como um Deus independente de costumes ou hábitos humanos.

1 VALORIZAÇÃO DA PRIMOGENITURA⁸

É impressionante as generalizações que se ouve por aí quando o assunto é primogenitura, pois se crê que há muitas leis bíblicas que regulamentem ou que expliquem sua definição e seu papel na sociedade. É comum imaginar que o filho mais velho seria o herdeiro automaticamente e que receberia dois terços da herança, entre outras vantagens.

Além disso Hoff e Douglas, respectivamente, falam em favorecimento ao filho mais velho⁹ e privilégios restritos aos mais novos.¹⁰ Enquanto que Gancho chega a dizer sobre a existência de uma regra legal e jurídica que favorecia o primogênito.¹¹ Todavia, tais afirmações necessitam e muito de maiores embasamentos. Pois, além de não haver um padrão legal bíblico que definisse a situação do primogênito na era patriarcal entre os hebreus, vários códigos legais vizinhos não ajudam em nada, na elucidação do caso.¹²

Não obstante tantos contratemplos, percebe-se que em linha gerais os teólogos estão corretos no que diz respeito à preeminência dos primogênitos. Isso, é claro, ao se levar em consideração os indícios bíblicos a seguir.

⁸ Para detalhes mais pormenorizados quanto à este tópico, pode-se recorrer a outro artigo “A Preeminência do Primogênito no Antigo Testamento.” que será publicado nos próximos dias pela Via Teológica - periódico da Faculdade Teológica Batista do Paraná.

⁹ HOFF, Paul. **O Pentatêuco**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. 2. ed. São Paulo: Vida, 1983. p. 69.

¹⁰ DOUGLAS, J. D.; BRUCE, F. F.; SHEDD, Russell Philip. **O Novo Dicionário da Bíblia**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p.1315.

¹¹ DIEZ-MACHO, Alejandro; BARTINA, Sebastian. **Enciclopedia de la Biblia**. Barcelona: Ediciones Garriga, 1963. p. 1256-1257.

¹² Além dos textos sagrados, pesquisou-se nas Leis dos Acádios e Sumérios (Nippur, Nuzu, Mari e Ur-Nammu), nos códigos Babilônicos e Assírios (nas leis de Eshnunna e nas cartas e no Código de Hammurabi), nos costumes jurídicos Egípcios, nos costumes dos beduínos árabes pré-islâmicos e entre os habitantes de Ugarite e Alalake.

1.1 INDICATIVOS BÍBLICOS LEGAIS

São bem poucas as passagens bíblicas relativas ao tratamento de herança ou sobre a questão da primogenitura. Na verdade, apenas dois: Ex 13.1-16 e Dt 21.15-17. Mas infelizmente, não lançam muita luz ao assunto.

O primeiro texto diz respeito à consagração dos primogênitos ao Senhor. No caso dos meninos, deveria ser resgatados, mas quando fossem animais, deveriam ser sacrificados. Ao que parece, os hebreus criam, juntamente com alguns povos vizinhos, que a *“divindade, como senhor das terras, estava destinada a receber não só o melhor, mas também as primícias de toda a produção”*.¹³ Mas com uma grande diferença, que em lugar algum no Antigo Testamento, Deus pede o sacrifício de crianças.

Já o segundo trecho, Deuteronômio 21.15-17, diz respeito sobre a possibilidade de um pai não fazer distinção entre os filhos da esposa amada e da desprezada. A primogenitura deveria ser dada ao filho mais velho, independente da preferência dos pais.

Ambos os recortes legais são de um período mais tardio, quando o povo já estava assentado e assim, não serviriam para legitimar ou explicar como era vista tal questão, nos primórdios da formação de Israel. Todavia, os costumes e práticas dos hebreus parecem ser bastante contundentes em defender esta supremacia dos primeiros filhos.

1.2 INDÍCIOS BÍBLICOS A PARTIR DOS COSTUMES

Embora não tenha sido encontrado nada decisivo entre os códigos legais, há vários indicativos observados em ações costumeiras, algumas menções positivas relacionadas à primogenitura, certas expressões de indignação quando o primogênito não se dá bem e a própria iniciativa de alguns filhos mais velhos que deixam transparecer sua influência sobre os mais novos. Conforme detalhado no quadro a seguir:

	Textos	Situação
M en	Gn ¹⁴ 29.21-27	Labão engana Jacó e o faz casar com a filha mais velha dizendo que na sua região o costume era que a primogênita deveria casar primeiro que a mais

¹³ HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 182.

¹⁴ As siglas aqui são aquelas tradicionalmente utilizadas para referir-se aos livros bíblicos. Porém para facilitar para aqueles que não possuem tal domínio, coloca-se suas correspondentes, a seguir: Gn (Gênesis), Ex (Êxodo), I Sm (Primeiro livro de Samuel), I Cr (Primeiro livro de Crônicas), II Cr (Segundo livro de Crônicas), Jz (Juízes) e I Re (Primeiro livro dos Reis).



		nova.
	Gn 43.33	Quando José convida seus irmãos para um banquete, os posiciona em ordem de nascimento.
	Ex 11.4-5	A décima praga contra o Egito foi a eliminação de seus primogênitos
	I Sm 16.1-11 e 17.13	Jessé apresenta seus filhos, a começar pelo primogênito e vai seguindo a ordem de nascimento até o caçula, para que Samuel pudesse ungir o novo rei de Israel.
	I Cr 26.10	Há a menção de um homem que designou um de seus filhos para representá-lo, e é enfatizado que ele não era seu primogênito.
	II Cr 21.3	É mencionado que Jeosafá entrega o reino a seu filho Jeorão por ele ser o primogênito.
	II Cr 22.1	Acazias é indicado como o sucessor de Jeorão, conforme a explicação do cronista, porque seus irmãos mais velhos haviam sido mortos.
Expressões contrárias quanto à Subversão	Gn 27.30-41	Quando Esaú descobre que seu pai havia abençoado a Jacó, o caçula, fica desolado pela perda da bênção que seria dele.
	Gn 48.17-20	Curiosamente, quando José – o preferido de seu pai, apesar de ser o décimo primeiro filho – leva seus filhos para que seu pai os abençoasse, posiciona o mais velho à direita de seu pai e o caçula à esquerda. Na hora da bênção, Jacó inverte as mãos e José fica incomodado porque isso fugiria dos costumes.
	Jz 6.15	Quando o Anjo de Yahweh convoca a Gideão para que ele fosse o libertador de seu povo, o único questionamento que este faz diz respeito a ele ser o menor da casa de seu pai.
Iniciativas de irmãos mais velhos	Gn 19.30-38	A filha mais velha de Ló é que toma a iniciativa de planejamento e consecução da ideia de embebedarem o pai, para coabitarem com ele e engravidarem para perpetuar o nome dele na terra.
	Gn 37.19-30	Quando José está prestes a ser morto por causa da inveja de seus irmãos, Rúben (o filho mais velho) consegue dissuadi-los, como se fosse responsável por ele.
	I Re 1.5-7	Após a tentativa frustrada de mostrar que Davi ainda tinha condições para governar, Adonias chama para si a responsabilidade e assume o reinado.

Quadro 1: Indícios Bíblicos sobre a preeminência da primogenitura

Desta forma, pode-se presumir que, embora não houvesse um código hebreu antigo que legislasse sobre a primogenitura, é certo concordar com os teólogos que defendem a hegemonia do primogênito sobre os demais irmãos, entre os hebreus, a partir dos indícios bíblicos encontrados.

2 A PRIMOGENITURA COMO FATOR IDENTITÁRIO DO POVO HEBREU E SEU DEUS.



Diante da constatação acerca da preeminência existente quanto ao primogênito, feita anteriormente, resta argumentar sobre qual o poder ou o papel desta cultura no que dizia respeito à religiosidade e, principalmente, sobre a sua contribuição para a identidade do povo hebreu.

Este vínculo passa a ser tão forte, que não poucas vezes meros costumes têm sido considerados como intrinsecamente relacionados com a religiosidade da época. Ou, pelas ações humanas que são atribuídas ao próprio Deus (como será analisado logo a seguir), ou então pela própria definição do direito de primogenitura que esboça esta correlação, conforme será visto mais adiante.

2.1 DECISÕES HUMANAS IGNORADAS DEVIDO À QUESTÕES GENERALIZADAMENTE TIDAS COMO DIVINAS.

A primogenitura passa a ser um costume tão importante e tão arraigado na cultura hebraica e muito considerada no âmbito religioso, que quando ela é subvertida, logo se procura uma justificativa ou razão teológica ou religiosa para tal.

Por exemplo, vários autores, embora não abordassem o tema de identidade ou do vínculo entre a cultura hebraica e a teologia esboçada na Bíblia, demonstraram isso em suas definições. Ou seja, para eles a ação divina está tão ligada com a humana, que muitos chegaram a ignorar os episódios onde os pais, mães ou os próprios envolvidos participaram do processo de sublevação contra os primogênitos.

Segundo Hoff, todos os casos de subversão de primogenitura se dão por responsabilidade única de Deus, elaborado por sua soberania.¹⁵ Semelhantemente, Arnold¹⁶ e Rösel¹⁷ também ignoram a participação dos pais nas escolhas e exclusões de seus filhos. Enquanto que de Vaux é um dos poucos a dizer que juntamente com os desígnios divinos havia o favoritismo paternal,¹⁸ acaba sendo infeliz ao restringir somente aos pais, ou ao campo do preferencialismo, como ele faz.

¹⁵ HOFF, 1983, p. 69.

¹⁶ ARNOLD, Bill T.; BEYER, Bryan E. **Descobrendo o Antigo Testamento: uma perspectiva cristã**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001. p. 97.

¹⁷ RÖSEL, Martin. **Panorama do Antigo Testamento: história, contexto e teologia**. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST. 2009. p. 23.

¹⁸ VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 65.

Ainda que não se possa concordar com estes posicionamentos taxativos e incorretos ao analisar as passagens bíblicas, tais teorias servem muito bem para exemplificar que costumes e leis ou ações humanas e diretrizes divinas, comumente têm sido consideradas como sinônimas, tamanha relação existente entre ambas.

2.2 O DIREITO DE PRIMOGENITURA E SEU VÍNCULO RELIGIOSO

Basicamente se pode dividir ou definir o direito de primogenitura sob cinco distintas dimensões: Espiritual, Religiosa, Patrimonial, Social e Existencial. Curiosamente, não há como desvincular nenhuma delas do viés divino. Ou seja:

Dentro da dimensão espiritual pode-se perceber além da transmissão da bênção em si (que já era bastante positivo)¹⁹ e da imprecação (que tinha toda uma roupagem quase mágica, pois uma vez proferida, não havia como voltar atrás),²⁰ havia o fato dela ser ministrada na presença de Yahweh, ou seja, a bênção era transmitida do pai ao filho, mas com uma profunda sintonia com os desígnios divinos, numa total dependência a Deus, conforme a declaração de Rebeca em Gn 27.5.

Na dimensão religiosa, a bênção da primogenitura estava intimamente ligada com a religião patriarcal²¹ e também, pela posição privilegiada em que se encontrava, o primogênito era tratado como um dos sacrifícios mais desejáveis para se oferecer a uma divindade²² (e isso era tão comum entre os vizinhos de Israel, que costumeiramente estes copiavam esta prática profana). Procurando evitar isso, Yahweh em lugar dos sacrifícios, exigia que os filhos primogênitos fossem consagrados a Ele, havia ainda o culto das primícias, no qual se declarava que ao Senhor pertence todas as coisas e, conseqüentemente, o dia-a-dia e os costumes dos hebreus deveriam ser vivenciados em consonância aos valores de seu Deus.

Quanto à dimensão patrimonial, nos dias hodiernos não haveria relação alguma com religião ou espiritualidade, mas no antigo oriente próximo, tinha-se o conceito de que os deuses eram os detentores da propriedade²³ e “*de acordo com o direito fundiário israelita*

¹⁹ BRIEND, Jacques. **Leitura do Pentateuco**. 4. ed. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 19.

²⁰ GUSSO, Antonio Renato. **As maldições do Salmo 137: o princípio de reciprocidade na justiça do Antigo Testamento como chave bíblica para a interpretação**. São Bernardo do Campo, UMESP, 2007. (Tese)p. 131.

²¹ NOTH, [s.d] apud KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1980. p. 93.

²² LEVINE, Baruch A. **Firstborn**. In: SKOLNIK, Fred; BERENBAUM, Michael (Ed.). **Encyclopaedia Judaica**. 2. ed. Detroit, MI: Thomson/Gale, Macmillan Reference USA. 2007. v. 7, p. 45.

²³ SCHULTZ, Samuel J. **A História de Israel no Antigo testamento**. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 35



*clássico, Javé era tido como proprietário de todo o solo e de toda a terra. Os direitos de propriedade das famílias são fundiariamente subordinados à Javé, e o são como feudos fundamentalmente inegociáveis”.*²⁴

Semelhantemente, na dimensão social, hoje não haveria nenhum paralelo sacro, pois ela trata efetivamente da escolha do líder sucessor de uma família. Mas para aquela época, uma das atribuições do líder era cuidar das tradições religiosas e servir como representante de sua linhagem diante de Deus.²⁵

Por fim, e provavelmente uma das dimensões mais importante, o direito de primogenitura abarcava ainda um aspecto existencial. Isto é, pela cultura hebreia o primogênito ou aquele filho escolhido em lugar deste, tinha a responsabilidade de preservar o nome de seu ancestral. Mas não apenas como um referencial como se faz hoje, pois eles criam que o nome do pai, sua essência, era transmitido aos filhos, os quais conduziram esta linhagem adiante, repassando-a aos seus filhos e assim sucessivamente. Claramente, o *“israelita antigo entendia que o seu nome e a sua personalidade seriam de algum modo perpetuados na vida dos seus descendentes”.*²⁶ Assim, além da crença de uma vida continuada (que tem certa conotação teológica), a vida de seu ancestral maior e sua intimidade com Deus era algo costumeiramente assíduo. Ou seja, com frequência os israelitas eram conclamados a imitarem seus antepassados: Abraão, Isaque e Jacó, inclusive em sua subserviência a Deus.

Desta feita, tanto com a definição do direito de primogenitura, quanto com concepções destoantes feita por alguns teólogos sobre o assunto, fica evidenciado o forte vínculo entre os costumes corriqueiros e sua prática religiosa. Ao ponto de não ser tão fácil fazer separação entre o sacro e o comum quando se trata dos hebreus, seus atos, hábitos ou sua religiosidade.

Conquanto tudo isso seja uma realidade bastante visível e quase inseparável é possível perceber que Yahweh estava acima disso; pois com frequência se mostra contra-cultural.

3 A SUBVERSÃO COMO FATOR DESAGREGADOR

²⁴ DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos: dos primórdios até a formação do Estado**. 3. ed. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal, 2004. v. 1. p. 177.

²⁵ GERSTENBERGER, Erhard S. **Casa e Casamento no Antigo Testamento: Seminário da Faculdade de Teologia** - 1. semestre de 2002. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v.42, n.1, p. 81-89., abr. 2002. p. 85s.

²⁶ WHITEHOUSE, Owen C. **Costumes Orientais, Antiguidades Bíblicas**. São Paulo: União Cultural, 1950. p. 11.





Se por um lado a preeminência do primogênito pode ser vista como vínculo de identidade, os casos quando ela é subvertida pode ser, tranquilamente, encarado como um agente de desagregação identitária. Ao todo foram encontrados cerca de 15 casos na Bíblia onde o direito de primogenitura tem sido alvo de sublevação, porém nem todos tiveram ingerência direta de Deus. Há episódios que a decisão do pai interferiu no costume, há outros que foi a decisão da mãe a principal causadora e, ainda, houve ocorrência aonde o próprio filho colaborou com sua rejeição. A seguir serão analisadas apenas as situações nas quais a divindade esteve diretamente envolvida.

Texto	Situação evidenciada	Possível causa
Gn 4.1-8	O Senhor preferiu a oferta de Abel, não acolhendo a de Caim (o primogênito).	Deus estava interessado na atitude do coração, mais do que na oferta.
Gn 21.9-14	Esta história tem uma dupla participação. Num determinado momento é Deus quem escolhe Isaque, através de uma profecia, noutra é Sara quem manda Abraão dispensar Ismael.	Desde o início, o alvo seria Isaque. Ismael teria entrado na história por uma precipitação de Abraão. Assim Deus não teria obrigações para com ele.
Gn 25.19-26	Antes do nascimento o Senhor escolhe o menor, através de um oráculo.	Sem uma causa ou explicação possível.
Gn 30.1-25	Embora Lia fosse a mais velha, a que teve filho primeiro e em maior quantidade, Raquel é quem tem uma conotação mais espiritualizada.	Também sem explicação.
Gn 37.1-10	Além de José ser o preferido de seu pai, foi o escolhido por Deus para salvar sua família da fome.	Não há uma evidência concreta, a não ser o exemplo de vida deixado por ele durante sua trajetória.
Ex 7.7	Moisés, o caçula, é chamado por Deus para libertar o seu povo. Arão só entra na história pela insistência de Moisés.	Alguns tentam explicar que Moisés, por sua educação palaciana seria o mais indicado para a função.
I SM 16.1-13	Deus manda Samuel ungir o novo rei de Israel. Após o “desfile”, por ordem de idade, o caçula (Davi) é ungido.	“Deus não vê como o homem, porque o homem olha as aparências, e Yahweh olha o coração” (v.7)
Ex 4.22	Israel é chamado por Deus de a nação primogênita.	Também não há explicações.

Quadro 2: Casos onde a primogenitura é subvertida por Deus

Como visto anteriormente, Deus não se limita aos costumes de seu povo. Assim, todos estes episódios servem como um claro “testemunhos da escolha gratuita de Deus em que o fator na escolha não é idade, mas a soberana vontade Deus”.²⁷

²⁷ HAMILTON, Victor P. *The Book of Genesis: chapters 18-50*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994. p. 177.



Ainda segundo Hoff, Ele tem capacidade para trocar o costume que favorecia o filho mais velho,²⁸ embora não chega e explicar como isso acontece. Para Arnold, por sua vez, “os direitos de nascença tem pouco a ver com o favor de Deus [...] o privilégio do status em função do nascimento não tem relação com a nossa posição diante de Deus”.²⁹

Ainda, conforme Rösel, “a bênção divina se impõe contra todas as aparências”,³⁰ enquanto que para de Vaux “a Bíblia destaca explicitamente que esses casos expressam a arbitrariedade das escolhas de Deus”.³¹

Em outras palavras, é Deus quem decide quando e como agir ou ainda a quem favorecer. Isso sem dúvida depõe contra a teoria de um deus criado ou amalgamado a partir de outros deuses ou culturas. Pois, seria muito estranho um determinado grupo criar um deus ou o seu sistema religioso em contradição às suas próprias crenças ou costumes. Ou seja, se Yahweh não passasse de um mero deus criado ou sincretizado, certamente não teria autonomia ou soberania em suas decisões. Nem tão pouco se preocuparia tanto com os desfavorecidos, tidos muitas vezes como amaldiçoados ou abandonados pelos deuses. Por isso pode-se defender a ideia de um Deus sobre-cultural (que está acima de qualquer cultura) ou contra-cultural (não amoldado ou preso à cultura alguma).

CONCLUSÃO

Como foi possível verificar, há uma intrínseca relação de identidade entre a cultura – em especial, àquela que valoriza a primogenitura – e o Javismo. Assim como há um forte fator desagregador entre a religião e a cultura de Yahweh, comprovado especialmente a partir dos casos de subversão perpetrados pelo próprio Senhor, um Deus independente e acima de costumes ou hábitos humanos.

Ou seja, não obstante uma identidade bastante peculiar entre hebreus e sua Divindade, não se pode imaginar uma religião moldada a partir de interesses dos grupos que detinham o poder. Ao contrário disso, pode-se observar a Yahweh, como o Deus Criador, que se revela e que se faz presente no cotidiano do povo, contribuindo para a coesão e até mesmo para a identidade de seu povo, todavia, sem estar preso ou limitado à cultura deste. E, acima de

²⁸ HOFF, 1983, p. 69.

²⁹ ARNOLD; BEYER, 2001. p. 97.

³⁰ RÖSEL, 2009. p. 23.

³¹ VAUX, 2003, p. 65.



tudo, contemplou-se, nos casos de subversão da primogenitura, uma declaração bem evidente de que o Senhor não está limitado ou preso à cultura ou tabus hebreus pré-estabelecidos.

REFERÊNCIAS

ARNOLD, Bill T.; BEYER, Bryan E. **Descobrendo o Antigo Testamento: uma perspectiva cristã**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001. 527p.

BRIEND, Jacques. **Leitura do Pentateuco**. 4. ed. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1985. 85p.

CONTENAU, Georges. **A vida Quotidiana na Babilônia e na Assíria**. Tradução de Leonor de Almeida e Alexandre Pinheiro Torres. Lisboa: Livros do Brasil, [19--]. 342p.

DIEZ-MACHO, Alejandro; BARTINA, Sebastian. **Enciclopedia de la Biblia**. Barcelona: Ediciones Garriga, 1963.

DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos: dos primórdios até a formação do Estado**. 3. ed. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal, 2004. v. 1. p. 177.

DOUGLAS, J. D.; BRUCE, F. F.; SHEDD, Russell Philip. **O Novo Dicionário da Bíblia**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1680p.

GERSTENBERGER, Erhard S. **Casa e Casamento no Antigo Testamento: Seminário da Faculdade de Teologia** - 1. semestre de 2002. In: Estudos Teológicos, São Leopoldo, v.42, n.1, p. 81-89., abr. 2002.

GOTTWALD, Norman K. **The Tribes of Jahweh: A sociology of the religion of liberated Israel 125-1050 B.C.E**. New York: Orbis Books, 1979. p. 611.

GUSSO, Antonio Renato. **As maldições do Salmo 137: o princípio de reciprocidade na justiça do Antigo Testamento como chave bíblica para a interpretação**. São Bernardo do Campo, UESP, 2007. 289p. (Tese)

HAMILTON, Victor P. **The Book of Genesis: chapters 18-50**. Grand Rapids: Eerdmans, 1994. p. 177.

HARRIS, R. Laird (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1989p.

HOFF, Paul. **O Pentatêuco**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. 2. ed. São Paulo: Vida, 1983.

KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1980. 312 p.



LEVINE, Baruch A. **Firstborn**. In: SKOLNIK, Fred; BERENBAUM, Michael (Ed.). **Encyclopaedia Judaica**. 2. ed. Detroit, MI: Thomson/Gale, Macmillan Reference USA. 2007. v. 7.

MELLA, Federico A. Arborio. **Dos sumérios a Babel: a mesopotâmia, história, civilização e cultura**. Tradução de Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, [19--]. 328p.

REIMER, Haroldo. **Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico**. São Leopoldo: Oikos, Goiânia: UCG, 2009. 136p.

RÖSEL, Martin. **Panorama do Antigo Testamento: história, contexto e teologia**. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST. 2009. p. 23.

ROWLEY, Harold Henry. **A fé em Israel**. Tradução de Alexandre Macintyre. São Paulo: Teológica, 2003. p. 32-34.

SCHMIDT, Werner H. **A Fé no Antigo Testamento**. Tradução de Vilmar Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2004. 562p.

SCHULTZ, Samuel J. **A História de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1998. 413p.

THÉODORIDÈS, Aristide. **O conceito de direito no Antigo Egito**. In: HARRIS, J. R. org. **O legado do Egito**. Tradução de Henrique Araújo de Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993. 584p.

THIEL, Winfried. **A sociedade de Israel na época pré-estatal**. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulinas, 1993. 158p.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2003. 622p.

WHITEHOUSE, Owen C. **Costumes Orientais, Antiguidades Bíblicas**. São Paulo: União Cultural, 1950. 142p.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2007. p. 284.

